



A atividade curricular em comunidade (ACC) matas urbanas: agroecologia, educação popular e movimentos sociais
Social activities in communities: agroecology, popular education and social movements

CORRÊA, Fernanda¹; CASAGRANDE, Nair²; CUNHA, Antônia Carneiro da³; OLIVEIRA, Maria Aparecida⁴

UFBA, ¹fernandaantropologa@gmail.com.br;

² naircasagrande.ufba@gmail.com; ³ tonia.scrup@gmail.com; ⁴aparecid@ufba.br

Eixo temático: Construção do conhecimento agroecológico e dinâmicas comunitárias

Resumo: Este relato apresenta experiências de extensão da Atividade Curricular em Comunidade (ACC) “Matas Urbanas: Agroecologia, Educação Popular e Movimentos Sociais”, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no assentamento Majú, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), localizado no município de São Sebastião do Passé, região metropolitana de Salvador, BA. O objetivo é relatar experiência para a construção participativa de um Sistema Agroflorestral dentro de um projeto de restauração ecológica e analisar os impactos da atividade na formação do conhecimento agroecológico junto aos educandos da UFBA, dos comunitários. As ACC’s articulam o ensino, a pesquisa e a extensão e obrigatoriamente buscam garantir a realização de atividades envolvendo a comunidade externa à universidade, considerando uma oportunidade de troca entre o conhecimento científico e conhecimento popular.

Palavras-Chave: Universidade; Extensão Universitária; Sistema Agroflorestral

Keywords: University; Social Projects; Organic Farming; Agroforestry System

Contexto

A Atividade Curricular em Comunidade (ACC) - “Matas Urbanas: Agroecologia, Educação Popular e Movimentos Sociais”, um componente curricular oferecido aos cursos de graduação na Universidade Federal da Bahia (UFBA), trabalha na comunidade Majú, assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), localizado na região metropolitana de Salvador, município de São Sebastião do Passé.

A ACC iniciou os trabalhos nesta comunidade no ano de 2015 e tem como objetivo contribuir para a qualificação da formação profissional dos educandos matriculados no componente curricular e contribuir com a organização coletiva do assentamento Majú, para o enfrentamento das questões ambientais tendo como base a agroecologia, seus princípios, técnicas e projeto político.

Inicialmente o coletivo da ACC, de estudantes de diferentes cursos da UFBA, bem como professores e monitoras, realizaram uma visita para apresentar o projeto aos



assentados. A partir daí, foram realizadas atividades, como o mapa falado, com intuito de realizar diagnóstico sobre a problemática local.

Dentre essas, destaca-se a redução do nível de água da represa local e das nascentes, a realização de queimadas para limpeza do solo, ausência de transporte para escoamento e comercialização da produção, dificuldade de acesso à educação, além de alguns fatores subjetivos, envolvendo as relações interpessoais entre os moradores, que dificultam a organização coletiva da comunidade. Foi, também, destacado a necessidade de diversificação do plantio de produtos para alimentação e comercialização, tal como o plantio de cacau, banana, abacaxi, mamão, laranja, mandioca, milho, feijão, dentre outros.

Após discussão, o coletivo ACCS propôs um projeto, a longo prazo, de restauração agroecológica participativa da mata ciliar da represa e de outras áreas.

Descrição da Experiência

No ano de 2016, o coletivo de trabalho da ACC, constituído pelas autoras, realizou atividades participativas no assentamento Majú, como: oficinas pedagógicas, rodas de conversas e teatro sobre as temáticas da restauração ecológica e sistema agroflorestal (SAF). A oficina sobre produção de composto orgânico foi realizada pelos próprios assentados. Já a oficina sobre identificação de espécies nativas locais foi mediada pelas professoras do componente curricular, incluídas na autoria do presente trabalho.

Após as atividades, o coletivo comunicou a doação de aproximadamente 1.400 mudas doadas pelo assentamento Terra Vista e 'Teia Agroecológica dos Povos' para construção de um SAF no assentamento Majú. A 'Teia Agroecológica dos Povos' é uma articulação entre povos originários, movimentos sociais, pescadores/as, quilombolas e outros povos em torno da agroecologia. Foi criada durante a I Jornada de Agroecologia da Bahia, realizada de 26 de novembro a 1º de dezembro de 2012, no Assentamento Terra Vista, comunidade vinculada ao MST, localizado entre dois territórios indígenas: Tupinambá e Pataxó Hahãe.

Foi com alegria que os assentados receberam a notícia, e, a partir daí, iniciaram-se os debates em relação ao local para a implantação do SAF e sobre as técnicas para o plantio.

Para mediar a roda de conversa e a oficina sobre implementação do SAF, se fez presente um profissional em agroecologia, do Assentamento Terra Vista, permitindo o intercâmbio de conhecimentos entre diferentes áreas de assentamentos do MST. Inspirados na Metodologia Camponês à Camponês (SOSA, 2012), desenvolvido pela Asociación Nacional de Agricultores Pequeños (ANAP), em Cuba, na qual os próprios camponeses são sujeitos da formação em agroecologia, realizamos e estimulamos intercâmbios entre assentados do MST.



Na oficina foi construído um croqui (esquema de plantio das espécies) e discutido as técnicas para plantio e conservação da água no solo. Na atividade participaram assentados, mostrando afinidade com os parceiros do movimento, assim como seu interesse sobre o plantio do cacau.



Figura 1. Área da coletiva escolhida para implantação do SAF.

As mulheres organizaram-se em uma coletiva para o mutirão e plantio das mudas recebidas, aos poucos, os homens passaram a contribuir para o trabalho no coletivo. A área escolhida foi preparada e realizado o plantio das espécies a partir do planejamento e desenho de um croqui, indicando as distâncias adequadas e a localização específica de cada diferente cultura a ser plantada. Estas incluíram mudas de cacau, mogno, açaí, banana, cupuaçu, ingá e abacaxi.

Após 30 dias, o coletivo ACC voltou para realizar o acompanhamento na comunidade e ao SAF, e verificou que a incidência solar sobre as mudas, estaria prejudicando o crescimento das mesmas. Então, o tema foi debatido com os assentados e, deste modo, foi aplicada a técnica de sombreamento das mudas usando folhas de palmeira - Dendê (Figura 2).



Figura 2. Mutirão para colocação modelo de sombreamento nas mudas.

Após dois meses foi introduzido no sistema às espécies de ciclo de vida curta, como objetivo alimentar (mandioca, melancia, milho, moranga, etc.), e ou para inibir insetos indesejáveis e ou equilibrar sistema (flores, cana-de-açúcar, citronela, etc.). Nesse ponto, os assentados dividiam suas experiências com o coletivo da ACC. O Sistema Agroflorestal do assentamento Majú, mostrou-se uma sala de aula, um local de trocas e informações sobre práticas agroecológicas de plantio e manejo (Figura 3).



Figura 3. a) assentado explicando tipo de poda do cacau. **b)** Estudantes e Comunitários. **c)** SAF produtivo.

Resultados

No período de três anos de trabalho da ACC no assentamento Majú, buscou-se restauração ecológica e participativa através de SAF's produtivos, percebeu-se desafios e problemáticas no que diz respeito às possibilidades de reorganização do trabalho produtivo no campo frente ao conhecimento e princípios da agroecologia e a busca de novas relações de produção pautadas na coletividade, cooperação e respeito à natureza.

O processo de educação popular tem poder de capacidade de fortalecer a organização coletiva e possibilitar a construção do conhecimento relacionado à produção agroecológica, permitindo o diálogo entre saber científico e o popular. A partir dos relatos avaliados conclui-se, que, a base produtiva contribuiu para obtenção de uma melhor qualidade de vida, onde ocorreu transformação no espaço e qualificação profissional.

Entende-se que experiências dessa natureza contribuem para a construção do conhecimento agroecológico na medida em que articula o ensino, pesquisa e a extensão, em área de reforma agrária, disseminando os princípios e técnicas agroecológicas de forma participativa, com os sujeitos comunitários envolvidos no processo, além da troca de conhecimentos científicos, populares e tradicionais. As metodologias participativas utilizadas, durante esses três anos de atuação na comunidade, mostram resposta positivas na aplicação destas práticas no assentamento.

Os referenciais teóricos que subsidiaram o trabalho foram baseados na educação popular bem como na teoria pedagógica proposta pelo MST (CALDART, 1997, 2000; KOLLING, 1999, 2002; FREIRE, 1983). A metodologia da educação popular desenvolvida por Paulo Freire vem sendo estudada pelos educandos e é utilizada no diálogo com as comunidades envolvidas entendendo que o educador fala com o povo e não ao povo.

Há um protagonismo feminino nas ações da comunidade em conjunto com a universidade. As mulheres desse assentamento, juntamente com outros localizados nas proximidades (Recanto da Paz e São Bento), participam semanalmente da Feira



Agroecológica da Reforma Agrária na UFBA, iniciada em 2014, como resultados de outras atividades de extensão vinculadas às professoras da UFBA e as comunidades.

A Feira cumpre o papel pedagógico de difundir a importância da agroecologia e alimentos oriundos da agricultura familiar e luta pela terra fazendo o diálogo entre campo e cidade. Por ser construída majoritariamente por mulheres, cumpre também o papel de enfrentamento ao patriarcado. Essas agricultoras têm na feira a sua maior fonte de renda e através da agroecologia transformam o espaço em que vivem e trabalham forjando autonomia.

Agradecimentos

Agradecemos aos comunitários do assentamento Majú e ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, à Pró-Reitoria de Extensão e todos os envolvidos com o trabalho.

Referências bibliográficas

CALDART, R. S. **Educação em movimento**: formação de educadoras e educadores no MST. Petrópolis: Vozes, 1997. 180 p.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 7^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93 p.

KOLLING, E. J. et al. (Org.). **Educação do campo**: identidade e políticas públicas. Brasília: ANCA, 2002. 136 p.

SOSA, B. M. et al. **Revolução agroecológica**: o movimento de camponês a camponês da ANAP em Cuba. ANAP. São Paulo: Outras Expressões, 2012. 152 p.